

Por uma investigação de Piero Della Francesca

Sabrina Fernandes Melo
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
sabrina.fmelo@gmail.com

Resenha da obra: GINZBURG, Carlo. *Investigando Piero*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Atualmente professor de história da cultura europeia na Universidade de Pisa, Carlo Ginzburg é um historiador italiano que trabalha principalmente com a micro-história e utiliza frequentemente o método indiciário em suas pesquisas. O paradigma indiciário nada mais é do que uma extensão do “modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leigo”,¹ método de pesquisa amplamente discutido em seu livro *Mitos, Emblemas, Sinais*.

Dentre as principais obras de Ginzburg estão *Os andarilhos do bem*,² que lança luzes sobre questões de feitiçaria e inquisição a partir do estudo de uma sociedade essencialmente agrária da região de Friuli, na Itália durante os séculos XVI e XVII, e *O Queijo e os Vermes*³ onde Ginzburg busca indícios que poderiam explicar a cosmogonia de um moleiro friuliano – Menocchio – perseguido pela inquisição por suas ideias e teorias sobre assuntos relacionados à religião.

1. No texto *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* (1989), o historiador italiano Carlo Ginzburg discorre sobre a construção de um paradigma, no âmbito das Ciências Humanas, a partir do século XIX, que pode sugerir novas possibilidades teóricas e metodológicas diante da polarização entre racionalismo e irracionalismo, ou seja, mimeses e anti-mimeses nas ciências humanas. GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. (p. 143-80).

2. Ginzburg, Carlo. *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

3. Ginzburg, Carlo. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Cia das letras, 1987.

Em *O Queijo e os Vermes*, Ginzburg procura extrair de um única fonte documental (relatórios de inquisição), um universo de costumes e tradições que faziam parte da cultura camponesa em que Menocchio estava inserido. Durante o século XVI, a tradição oral prevalecia nos meios mais populares. Dessa forma, muito dos pensamentos, costumes e tradições camponesas não chegaram até nossos dias de uma forma diretamente documentada. Porém, o que fazer de uma realidade da qual se tem pouco ou nenhum vestígio direto? Simplesmente ignora-se sua existência? Aceitam-se todas as hipóteses? Ou busca-se um direcionamento para probabilidades e conjecturas firmemente embasadas? Ginzburg opta tanto em *O Queijo e os Vermes* como em *Investigando Piero*, por seguir a última opção. Apoiando-se no paradigma indiciário, busca, então, a partir do fragmento, explorar uma realidade mais ampla, onde a oposição entre morfologia e história é a matriz para o desenvolvimento do raciocínio histórico.

Em *Investigando Piero*,⁴ Ginzburg analisa três obras produzidas por Piero Della Francesca, importante pintor italiano do *Quattrocento* – nome dado à segunda fase do movimento Renascentista italiano – intituladas: *O Batismo de Cristo*, *O Ciclo de Arezzo* e *Flagelação*. Ele utiliza do comissionamento e da iconografia para efetuar suas considerações sobre as referentes obras. Devido à escassez de fontes sobre Piero, Ginzburg relata a grande dificuldade de construção de sua biografia e da datação e leitura de suas obras baseando-se apenas na iconografia e na questão estilística. Para Ginzburg, interpretações que se limitam a esses aspectos podem ser equivocadas. Para ilustrar este tipo de análise, ele cita os estudos apresentados por Roberto Longhi em 1927⁵ que buscou datar os quadros de Piero a partir de um estudo detalhado da iconografia, direcionando-se apenas para base estilística apresentada em suas obras, visto a falta de documentação externa, ou seja, documentações sobre Piero ou sobre suas pinturas.

Ginzburg defende que para uma datação mais precisa das obras de arte (no caso as pinturas), torna-se necessária a ligação entre a leitura estilística e a documentação externa à obra que deve ser enriquecida e expandida sempre que possível. O autor argumenta que “todo elemento

4. Este livro foi publicado em 1981 e traduzido pela primeira vez no Brasil em 1989.

5. Roberto Longhi foi um importante historiadores da arte do século XX e em 1927 escreveu sobre as obras de *Piero della Francesca*. Esta obra foi traduzida para o português por Denise Bottmann e contou com uma introdução de Carlo Ginzburg.

iconográfico é polivalente, e pode abrir caminho a uma série de significados díspares. É o contexto que decide cada caso, qualquer interpretação pressupõe um ir e vir circular entre o detalhe e o conjunto”⁶ (GINZBURG, 2010, p.40).

Sendo assim, Ginzburg conclui que para se evitar tipos de interpretações errôneas faz-se necessária a utilização de elementos de controle externos e a ampliação da noção de contexto para o âmbito social. Ginzburg analisa o quadro Batismo de Cristo (data imprecisa entre 1440 ou logo depois) talvez uma das obras mais antigas de Piero. Nesta primeira análise, Ginzburg busca elucidar a interpretação de outros autores, como foi o caso de Marie Tanner, que em 1972 investigou a obra de Piero partindo de elementos iconográficos para sua análise. Tanner considerava que o gesto dos dois anjos que estão de mãos dadas (anomalia iconográfica), fazia alusão à concórdia religiosa entre a Igreja do Ocidente e Oriente (sancionada pelo Concílio de Florença de 1439). Ginzburg considera a interpretação de Tanner plausível, mesmo reconhecendo que o problema do comissionamento da obra seja uma das peças ausentes em sua reconstrução, visto que quando ocorre a convergência entre a investigação do comissionamento e da iconografia, a margem de erro de datação será muito pequena.

No segundo capítulo, Ginzburg analisa a maior obra de Piero, *O Ciclo de Arezzo* encomendado inicialmente no ano de 1447 ao pintor Bicci de Lorenzo, por Francesco Bacci. Porém Bicci morre em 1452, ficando a obra inacabada. O que fez com que Piero, artista ligado ao humanismo e a cultura figurativa moderna, fosse escolhido para terminar os afrescos começados por Bicci – um artista antiquado em comparação a Piero – cujo tema do afresco era lendário e possuidor de narrativa sagrada.

Uma das possibilidades para a escolha de Piero pode estar relacionada à formação humanista do filho de Francesco, Giovanni Bacci – protegido de Traversari – e amigo de Leonardo Bruni e Alberti. Interpretações de outros autores afirmam que Piero levou cerca de quatorze anos para terminar a obra, entretanto, Ginzburg acha esse tempo demasiadamente exagerado e propõe um reexame dessa datação a partir da análise da iconografia e do comissionamento da obra.

A mudança de pintores – de Bicci para Piero – alterou estilisticamente a obra sendo visível a reinterpretação da narrativa sagrada da cruz

6. GINZBURG, Carlo. *Investigando Piero*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p.40.

original que era tradicional e de características franciscanas, presença de elementos profanos e do laicismo. Todas essas considerações de mudança estilística foram constadas pela análise de Longhi. Segundo Ginzburg alguns eventos poderiam explicar essa ruptura estilística e iconográfica praticadas por Piero como a nomeação de Bessarion como protetor da ordem franciscana e a viagem de Piero a Roma.

A terceira obra a ser analisada é “A Flagelação” que, segundo Kenneth Clark e Thalia Gouma-Peterson,⁷ possuía caráter político inserido na realidade histórica em que foi produzido. O quadro foi feito a partir do pedido do Cardeal Bessarion, que após o término da obra a enviou a Frederico de Montefeltro na tentativa de alertá-lo para a necessidade de uma cruzada contra os Turcos. Existem muitas divergências sobre a questão da datação e do comitente do quadro, já que não foram encontrados documentos para a comprovação, porém alguns estudiosos empreenderam esforços na formulação de hipóteses tradutoras de uma leitura iconográfica satisfatória.

A proposta de Clark (1956) posteriormente retomada por Gouma-Peterson (1976) defende que a iconografia existente seja adjetivada como anômala, ou seja, irregular, anormal. Essas constatações devem-se a diferenciação entre o quadro de Piero e a iconografia existente naquele período. Algumas dessas ‘anomalias’ seria a referencia, em primeiro plano, de questões políticas e religiosas através de uma alusão ao sofrimento dos turcos causados pela Igreja Católica. Sobre essa obra de Piero, Ginzburg apresenta diferentes níveis de realidade e hipóteses que buscam demarcar a data e o local da criação da obra (possivelmente foi pintada em Roma entre 1458 e 1459), em seguida foi transportada para outro local.

Após tratar de cada uma das três obras, Ginzburg escreve quatro apêndices onde dialoga com diversos autores, explicitando seus contrapontos em relação a eles. Faz ainda aproximações e distanciamentos entre as diversas datações e interpretações estilísticas das obras de Piero. O que de mais interessante pode retirar-se desta obra – além de um aprofundado estudo sobre o Renascimento – é o método inovador utilizado por Ginzburg nas diversas possibilidades de leituras das fontes históricas. Ele faz uso da retórica no sentido da argumentação e prova, dialogando entre as fontes e a historiografia, entre o campo iconográfico

7. CLARK, Kenneth. *Piero Della Francesca*. Londres: Phaidon, 1951. GOUMA-Peterson, Thalia. *Piero Della Francesca's Flagellation: An Historical Interpretation*. Storria Del Arte (1976), p.217-233.

e o extra-iconográfico, enveredando-se em muitos momentos para o campo da argumentação conjectural.

Diversos historiadores tem adotado esse método de argumentação conjectural no sentido de preencher lacunas que apenas a fonte documental escrita não conseguiria preencher. Tal metodologia é usada na tentativa de reconstruir, questionar, criar hipóteses, preencher lacunas, partindo de dados concretos, ou seja, da interrogação das fontes. Ginzburg utiliza-se dessa metodologia e trabalha com ela, deixando esse posicionamento claramente explícito durante seu trabalho, diferenciando o campo conjectural do factual. Essa possibilidade de trabalho torna-se interessante no sentido de pensar-se no que seria possível sem se desvincular totalmente do contexto, o historiador tem espaço para exercer sua subjetividade e criatividade, amparada na documentação existente.

Grande parte do esforço de Ginzburg nessa obra é mostrar que todas as interpretações são possíveis, porém, algumas mais plausíveis que outras. Ele vai apontando diversas hipóteses e, em seguida, neutralizando-as e desconstruindo-as. Sua tentativa é fazer com que o leitor acompanhe os caminhos metodológicos utilizados ou descartados, como os argumentos foram construídos e desconstruídos, enfim, como ocorreu a construção do livro em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

CLARK, Kenneth. *Piero Della Francesca*. Londres: Phaidon, 1951.

GINZBURG, Carlo. *Investigando Piero*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOUMA-PETERSON, Thalia. *Piero Della Francesca's Flagellation: An Historical Interpretation*. *Storria Del Arte* (1976), p.217-233.

SOBRE A AUTORA

Sabrina Fernandes Melo é mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista Capes.

Recebido em 06/09/2012

Aceito em 01/11/2012